

ORAÇÃO *de Sapientia*

RECITADA NA

SALA GRANDE DOS ACTOS

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NO

DIA 16 DE OUTUBRO DE 1907

PELO

Dr. José de Mattos Sobral Cid

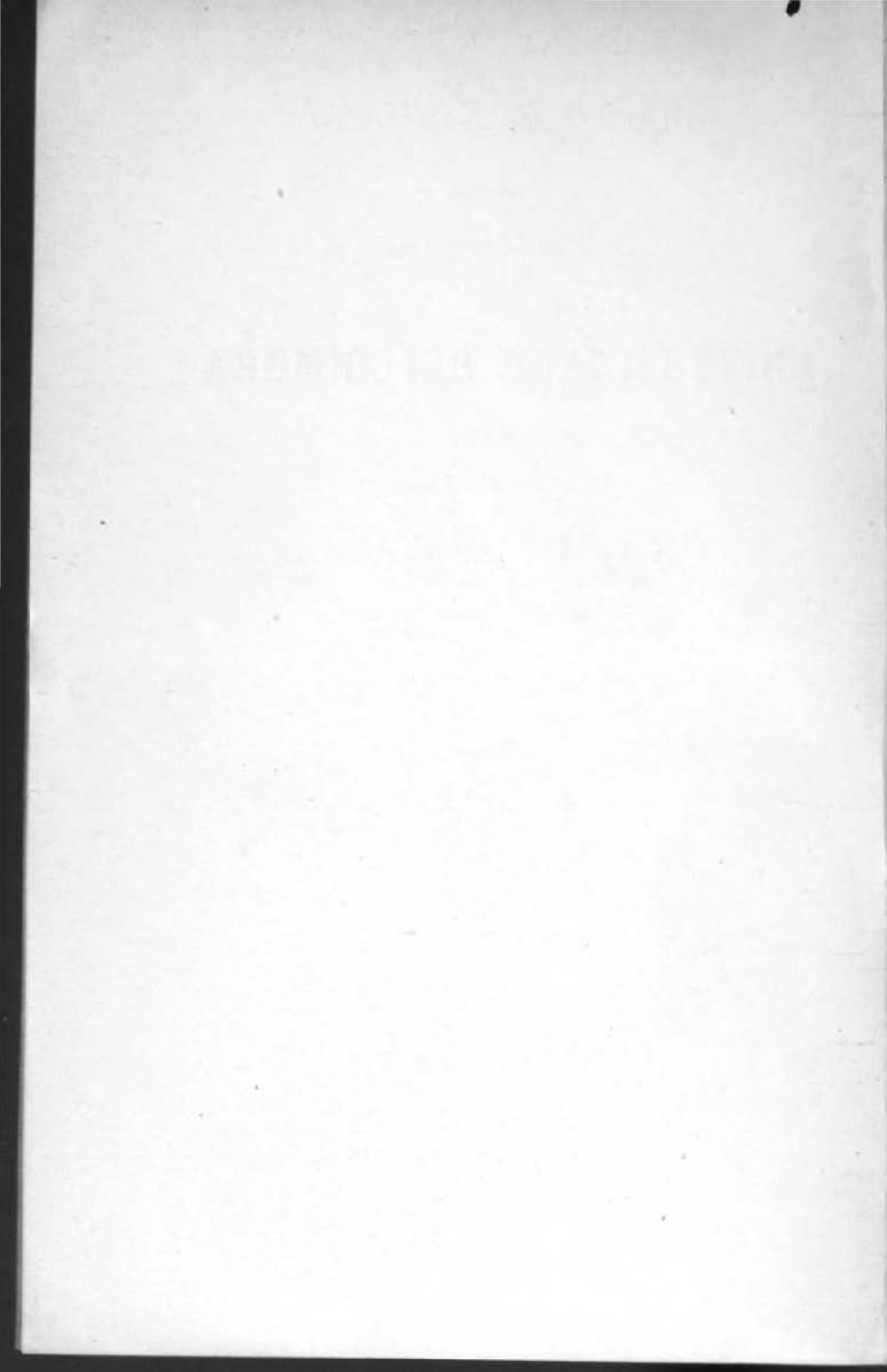
Lente cathedraico da Faculdade de Medicina



Publicação official

COÍMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
MDCCCXVII

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º



ORAÇÃO *de Sapientia*

RECITADA NA

SALA GRANDE DOS ACTOS

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NO

DIA 16 DE OUTUBRO DE 1907

PELO

Dr. José de Mattos Sobral Cid

Lente cathedraico da Faculdade de Medicina



Publicação official

COÍMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

MDCCCXVII

EXCELLENTISSIMO PRELADO!
MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES!

Alguns espiritos simplistas, impressionados pela existencia secular da Universidade e sobrevivencia dos symbolos da sua vida tradicional e corporativa, a isso attribuem, sem outra critica, os vicios da sua organisação e os defeitos do seu ensino e julgam-n'a, summariamente, como uma instituição do passado immobilizada nas suas formas originaes, vivendo ainda fechada dentro de um estreito espirito de corporação e da mais estreita disciplina mental do escolasticismo.

Erro. Assim como a grande revolução demoliu as velhas universidades francezas, arrastando-as na queda estrepitosa das instituições tradicionaes, entre nós, quarenta annos volvidos, a implantação pelas armas do regimen constitucional destruiu a autonomia e a organisação corporativa da Universidade, interrompendo quasi abruptamente a continuidade historica da sua evolução.

Antes mesmo de o absolutismo ter deposto as armas pela convenção de Evora-Monte, os decretos que o genio politico de Mousinho da Silveira dictava da Ilha Terceira, estabelecendo o estado moderno sobre a base da egualdade dos direitos, aluiram a velha Universidade nos seus fundamentos tradicio-

A Universidade não é dentro do nosso systema d'Instrução, nem no ambito mais vasto da nossa sociedade, um organismo singular, destoante da obra geral do constituciona-ismo.

naes, mesmo quando contra ella não eram expressamente dirigidos.

Aguiar e os primeiros ministros da Regencia consummaram essa obra, e todos os nossos privilegios, altos cargos na magistratura e desembargo do Paço, prebendos doutoraes, os velhos collegios universitarios para oppositores e porcionistas, o nosso opulento patrimonio — dizimas, bens, rendas senhoriaes —, tudo que as velhas universidades inglezas de Oxford e Cambridge conservam ainda, se subverteu com o velho regimen.

Que nos ficou da Universidade tradicional? Apenas os symbolos.

Foi sobre estes destroços que o Estado moderno, centralizador e auctoritario, assumindo elle proprio a superintendencia e o desempenho das grandes funcções sociaes, reconstruiu a Universidade e todo o nosso systema actual de instrucção — primaria, média e superior —, como organisou a administração civil, o exercito, a magistratura, e até a fé e a religião, sob a sua auctoridade suprema, e na sua dependencia economica e administrativa.

A Universidade não é, pois, nem dentro do nosso systema de instrucção, nem no ambito mais vasto da nossa sociedade, um organismo singular, uma sobrevivência historica e pedagogica, destoante da sua epocha e do seu tempo, como que, permitta-se o simile, um massiço eruptivo, que, formado em remotas éras geogenicas, domina e destroe os afloramentos sociaes de mais recente formação.

A Universidade moderna, como todo o nosso systema de instrucção, é a obra do constitucionalismo, o instrumento de cultura e civilização por elle fabricado e que precisava de ser tanto mais perfeito na sua contextura, livre nos seus movimentos, e consciente da sua impulsão, quando, pelo estabelecimento do novo Estado sob o regimen representativo, a nação renascia para a democracia, e para a democracia tinha de ser educada. Como e em que principios assentou o constitucionalismo, a Universidade e a instrucção superior? Qual foi o seu ideal educativo e onde se inspirou? É o que vamos vêr.

Existem tres typos de Universidade; todas as universidades desenvolvidas no decurso do seculo XIX, nos diversos paizes da Europa e presentemente na America, podem ser referidas a um de tres typos fundamentaes: inglez, allemão e francez ou napoleonico.

Na Inglaterra, tão livre e progressiva como tradicionalista e conservadora, as Universidades conservaram quasi intacta a fórma original da sua organização primitiva.

Oxford e Cambridge, as antigas e celebradas Universidades inglezas, disfructam hoje ainda o seu opulento patrimonio e rendas senhoriaes, administrando-se e governando-se livremente na independencia mais absoluta do poder. São verdadeiras corporações autonomas — *self-governing* e *self-supporting* — instituições nacionaes fazendo corpo com o Estado, sem terem sido absorvidas por elle. Com dotações não menos opulentas, com a mesma autonomia e independencia, mas com outra flexibilidade pedagogica, se têm desenvolvido e estão erguendo em nossos dias, edificadas pela munificencia dos millionarios, pela iniciativa das corporações e dos estados, as liberrimas Universidades dos Estados-Unidos.

O regimen interno, os costumes prevalecentes são ainda essencialmente semelhantes aos dos tempos medievais.

Oxford e Cambridge encontram-se ainda rodeados de *kalls* e *collegas*, onde sob a direcção de um principal, os *fellows* e os simples estudantes (*undergraduats*) vivem em commum uma especie de existencia monacal pela sua feição historica, mas inteiramente transformada segundo as exigencias da civilização moderna.

A organização pedagogica é a da antiga Universidade, especialmente na Faculdade das Artes, cujo quadro de estudos, *curriculum*, comprehende as linguas, litteratura, philosophia, mathematica, e só recentemente as sciencias naturaes. De mais, os cursos publicos, as lições magistraes são pouco numerosas e, em grande parte, a educação e o ensino são dirigidos individualmente nos *colleges*, pelos *lecturers* e *tutors*.

Em Inglaterra as Universidades foram conservadas nas suas formas tradicionais, como corporações autonomas, *self-supporting* e *self-governing*, verdadeiras instituições nacionaes fazendo corpo com o Estado mas não absorvidas por elle.

Persistencia do regimen collegial e da educação humanista. Ensino privado individual: *lecturers* e *tutors*.

Assim, a Universidade inglesa não é uma corporação constituída para a investigação original e descobertas scientificas, missão que pertence ás academias e reaes sociedades, nem organisađa para a habilitação ao exercicio das profissões liberaes, ensino que na Inglaterra está domiciliado junto dos grandes hospitaes para a medicina, nos tribunaes para as carreiras da magistratura. São na realidade instituições de educação tradicional, frequentadas, ou mais rigorosamente habitadas pelos descendentes da nobreza e grande burguezia, abertas a todos os jovens intelligentes e de merito, por meio das bolsas de estudo — *fellowships* —, que attraem os alumnos mais brilhantes das escolas médias do paiz.

A instrução, encyclopedica, como a nós concebemos, é irrealisavel n'este regimen. Na Inglaterra entende-se porém que não deve attribuir-se uma importancia exclusiva a educação intellectual e os seus philosophos qualificam de grave erro dos continentaes o que elles chamam a *overvaluation of teaching*.

Importancia attribuida á educação phisica no desenvolvimento da personalidade e formação do character.

A educação geral, litteraria e scientificas que ahi se ministra é a cada passo interrompida pelos longos intervallos consagrados aos exercicios phisicos, além dos numerosos dias expressamente designados no calendario academico para as grandes provas e desafios sportivos. Não ha estudante inglez que se não entregue á pratica militante de um *sport*, *College* que não possua vastos campos de jogos, clubs athleticos e gymnicos, e cada Universidade publica regularmente um *Magazine* onde, ao lado das noticias propriamente escolares, regularmente se registam a composição das equipes, a successão dos pontos das longas partidas de *cricket*, ou os resultados dos famosos *matches* nauticos travados nas placidas aguas do Cam e do Isis.

Na realidade, as velhas Universidades inglezas, devem considerar-se não tanto escolas destinadas a coroar a instrução intellectual e a ministrar os mais elevados diplomas scientificos como vastas e formosas estancias de viricultura, onde a *elite* da juventude do paiz vae perfazer e ultimar o seu desenvolvimento organico e conquistar na vida ao ar livre e

pela pratica dos exercicios athleticos, as fórmas staticas e definitivas da virilidade.

É no campo do *cricket*, nas luctas ardentes do *foot-ball*, na pratica de todos os exercicios viris, que o jovem estudante inglez tempéra o character n'aquellas quantidades altamente britannicas — vigor, tenacidade, sangue frio, confiança em si proprio — que são o orgulho e o apanagio da raça, ao mesmo tempo que na vida em commum do collegio, onde a disciplina se baseia no forte sentimento da propria responsabilidade, e as festas, reuniões, debates se entremeiam com os estudos, elle faz como que a aprendizagem da vida publica preparando as suas faculdades para a conducta social.

Não é para surprehender que o ensino univérsitario assim concebido e realisado não produza homens de sciencia. Os sabios mais eminentes, os pensadores mais profundos e originaes da Inglaterra, Bacon, Hobbes, Hume, Ricardo, Bentham, Gibbon, Stuart Mill, Darwin, Spencer e Carlyle, não foram univérsitarios e muitos d'elles não o poderiam ter sido.

Em compensação das Universidades vieram e nellas se formaram Palmerston, Pitt, Gladstone . . . , e os mais notaveis estadistas.

Alguem definiu as Universidades inglezas «seminarios de homens de estado» e na verdade ellas podem ser definidas — instituições nacionaes destinadas a educar a *élite* social segundo normas tradicionaes e por fórma a produzir certos typos staticos de character, nos quaes a Inglaterra recruta os seus *rulers* e dirigentes politicos.

O que é uma Universidade allemã? Tal como a definiu W. Humboldt, sabio e estadista de actos e idéas e fundador intellectual da Universidade de Berlim, creada em 1809 em memoraveis circumstancias:

— Uma Instituição educativa do Estado para a instrucção das profissões scientificas, e uma corporação privilegiada de sabios, cujas supremas funções devem ser a livre investigação dos conhecimentos humanos.

Na vida em commum da Universidade se educam e preparam as faculdades em vista da conducta futura na vida publica.

Universidade allemã: instituição educativa do Estado e corporação privilegiada de sabios, com a suprema função da livre investigação scientifica.

— O ensino confundido na sciencia; um gremio de sabios independentes, trabalhando pela sciencia e simultaneamente encarregados pelo Estado de instruir a juventude da Nação.

Fundadas em grande numero desde o seculo XIV pelas casas reinantes e grandes senhores ducaes (*Heidelberg, Leipzig, Fribourg, Tubingue*), erigidas outras pelos principes lutheranos e calvinistas (*Marbourg, Iena, Giessen e Kiel*) ou já no seculo XVIII pelos estados germanicos (*Halle, Erlangen e Göttingen*), todas as Universidades allemãs foram conservadas pelo Imperio nas suas formas tradicionaes e corporativa, e animadas pelo espirito da livre critica da Reforma, organisaram-se, ao entrar no seculo XIX, segundo a concepção pedagogica de que a investigação e a sciencia estão intimamente unidas ao ensino.

E não só as vinte e uma Universidades allemãs, as dos paizes de lingua allemã ou dominados pela influencia teutonica — Austria, Suissa, Paizes-Baixos, Scandinavia, e Russia do Norte, — todas existem e funcionam como Instituições do Estado destinadas a habilitar para as suas carreiras e como corporações autonomas de investigadores, onde o professor não vive para o estudante ou o estudante para o professor, mas um e outro para a sciencia, collaborando incessantemente na promoção dos conhecimentos.

Não existem no mundo mais formosos monumentos para celebrar a alliança da tradição com os mais altos ideaes da civilisação moderna.

Como corporações autonomas, as Universidades allemãs elegem as autoridades academicas, — Reitor, Decanos e Senado consultivo, — e administram e governam independentemente os seus negocios internos, sob a superintendencia discreta do poder.

Os seus professores ensinam livremente em cursos publicos e privados, conforme a sua vocação ou a direcção livremente escolhida da sua actividade scientifica e segundo programmas pessoases e flexiveis.

Com igual liberdade seguem os estudantes os cursos universitarios, sem nenhuma compulsão á frequencia ou ordem imposta á successão de estudos. Nem *curriculum* fixo de cadeiras, programmas fixos, compendios officiaes ou apertados regulamentos. A mais completa liberdade de ensinar e de

aprender. Na realidade, o Estado, na Allemanha, não se reconhece competencia pedagogica; esta pertence á Universidade, que baseia a sua existencia na liberdade e na independencia.

Humboldt na primeira memoria dirigida ao Rei da Prussia, sobre a Universidade de Berlim, proclamou:

«O Estado não tem outro dever que o de fornecer ás universidades os meios necessarios á sua existencia e escolher os homens apropriados. Não deve intrometer-se nos negocios internos da Universidade e deve ter sempre presente ao espirito que isso não é, nem pode ser, da sua competencia e que quando interfere é sempre com prejuizo».

Por esta norma ficaram de vez definidas as relações do Estado com as Universidades allemãs. Fiel ao sabio principio, formulado por Humboldt, o Estado limita se a sancionar as propostas da Universidade para a nomeação de professores e a satisfazer com uma liberalidade desconhecida entre nós as suas necessidades economicas, as dotações incessantemente crescentes das suas bibliothecas, museus, seminarios, laboratorios, que são os poderosos instrumentos da sua actividade scientifica.

Assim organisadas as Universidades allemãs têm sido verdadeiras officinas de producção scientifica e a séde, o lar sagrado, de toda a vida intellectual da Nação.

Os seus professores são em geral sabios e investigadores e reciprocamente os mais eminentes homens de sciencia, os grandes creadores originaes pertenceram ou pertencem ao professorado. *Fichte, Hegel Schelling e Sleiermacher*, os grandes philosophos do começo do seculo, ensinaram em Iena e Berlim e exerceram a sua influencia mental das cadeiras do professorado. Quasi todas as suas obras foram publicadas depois da sua morte pelo *syllabi* das lições ou segundo as notas dos seus discipulos.

Professores universitarios foram os creadores da Philologia moderna e dos estudos neo-classicos *Wolf, Haupt, Curtius* em Berlim, *Niebhur, Diez* em Bonn, além de *Herman* em Leipzig, *Tierch* em Munich e *Iacob e Wilhelm Grimm* que fundaram e ensinaram a Philologia germanica em Göttingen,

Na Allemanha as Universidades são a séde quasi exclusiva da actividade intellectual e os professores—philosophos, historiadores, homens de sciencia,—os dirigentes da nação.

Identicamente todos os grandes historiadores — *Von Stein, Mommsen e Waitz* — que pela sua situação nas Universidades tão poderosamente influíram na vida da Nação e para a unidade politica do Imperio. No campo da Mathematica e das Sciencias historico-naturaes basta referir *Gauss e Weber* que ensinaram em Göttingen, *Liebig* em Giessen, *Müller, Dubois Raymond, Helmoltz e Virchow* em Berlim, assim como hoje *Koch* ensina em Berlim, *Roengten* em Iena, *Ostwald* em Leipzig e em Marburg, *Behring*.

Ao passo que na maioria dos paizes os grandes pensadores só indirectamente influem na educação nacional pela sua obra escripta, na Allemanha, em virtude da concepção do ensino universitario que lhe é peculiar, são os homens de sciencia, philosophos, historiadores, mathematicos, naturalistas que, em pessoa, educam a juventude, assumindo por esse facto a direcção effectiva da vida intellectual da Nação.

Creados num ambiente de productividade scientifica, elevados ao magisterio pela sua aptidão para as descobertas e creações originaes, os professores universitarios educam a juventude no mesmo espirito chamando os estudantes a collaborar nos seus trabalhos, até elles proprios poderem proseguir independentemente as investigações a que se entreguem.

O ideal universitario allemão é fazer de cada estudante um instrumento capaz de fazer avançar as descobertas scientificas.

É o ensino assim concebido, tendente a transformar cada estudante n'um instrumento capaz de fazer avançar as sciencias, que produz a multidão de jovens especialistas de que as Universidades allemãs legitimamente se orgulham e que no campo das investigações phylologicas e historicas ou no dominio da chimica e das sciencias biologicas, nos Seminarios e Bibliothecas ou nos Laboratorios e Institutos, consomem pacientemente a sua actividade, em procura de uma verdade nova, minuscula que seja, para acrescentar ao capital illimitado dos conhecimentos humanos. Neste labor incessante se preparam e geram silenciosamente as grandes descobertas, surgindo para a sciencia e para a humanidade, quando um cerebro mais poderoso, systematisado e vendo de uma maneira nova esses resultados parciaes, os capitalisa de chofre n'uma grande concepção philosophica

ou scientifica, convertivel em novas fontes de riqueza, bem estar material, ou em futuros progressos sociaes e politicos.

Em 1809, a Prussia vencida fundava a Universidade de Berlim segundo as indicações intellectuaes dos seus philosophos eloquentemente expressas pela voz de Fichte nos *Discursos á Nação allemã*. A Universidade seria a salvação.

Um anno antes, em 1808, Napoleão havia edificado na França vencedora a Universidade Imperial.

A primeira foi o mais poderoso instrumento de unidade allemã e é hoje a base mais segura da sua supremacia politica e economica.

A segunda decahiú na improductividade scientifica e acompanhou a França até Sedan, porque só a terceira Republica restaurou as velhas Universidades francezas.

E por que? Porque uma foi fundada sobre a liberdade e autonomia, a outra sobre a centralisação e o despotismo.

Emquanto que na Allemanha o Estado vencido respeitava a autonomia cooperativa das Universidades e appellava para ellas, Napoleão destruiu-as e substituiu as velhas Universidades por faculdades de Direito, Medicina, Sciencias e Letras, sem cohesão e espirito cooperativo, dispersas pelas provincias de França.

Cada fauldade foi estabelecida com um plano determinado de cadeiras segundo uma ordem prescripta; a actividade do professor sujeita á obrigação de repetir em cada anno a exposição systematica do corpo de doutrinas da sciencia que professa; a liberdade dos alumnos aprisionada em rigorosos regulamentos, tendo-se em vista não a instrucção genuina, mas a preparação para os exames finaes. Na Allemanha unia-se indissolvelmente a instrucção academica á investigação scientifica, partindo do principio que ninguem pode ensinar melhor as sciencias do que aquelles que as criam e fazem progredir. Nas faculdades napoleonicas separava-se o ensino da sciencia, ficando reduzidas a meras escolas do Estado destinadas á preparação para as carreiras liberaes e dos funcionarios do Imperio, *bureaux* de exame para o bacharelado, unica coisa que na verdade lhes restava da antiga organização universitaria.

Universidade napoleonica. Concepção cazarista do ensino superior, collocado na dependencia absoluta do Estado, sem espirito de criação scientifica.

A Universidade, no sentido tradicional, deixaria de existir, e a propria palavra teria desaparecido, se a dictadura napoleonica, coroando a sua obra, não tivesse reunido Faculdades, Lyceus Imperiaes, Escolas primarias num todo unico, symetricamente construido e militarmente hierarchisado — a *Universidade de França*.

Toda a instrucção ficou sob a direcção de um Grão-Mestre, delegado da auctoridade imperial, e com o fim social e politico de educar a juventude da França, por meio d'uma instrucção uniforme, em principios fixos. Porque, proclamava Napoleão, — sem uniformidade de pensar e de sentir o Estado jámais será Nação e descansará em bases pouco seguras, exposto a desordens e a revoluções.

A vida intellectual fugiu das Universidades, especialmente das de provincia, outr'ora tão activas e laboriosas como a de Montpellier, onde desde a Renascença vivia o espirito emancipado de Rabelais.

Nas Faculdades de letras e de sciencias, correspondentes á soberba Faculdade Philosophica das Universidades allemãs, os professores muitas vezes sem alumnos, faziam os seus cursos para auditorios fluctuantes de ociosos e burguezes, declamando aquellas lições brilhantes, de parada, apenas destinadas a impressionar, que por tanto tempo pesaram sobre o ensino francez.

Restava Paris. Mas ahi mesmo era fóra da *Sorbonne*, nas escolas superiores que escaparam á reorganisação napoleonica, a *Escola Normal* fundada no anno III da Convenção, no *Collegio de França* oriundo da Renascença, que o espirito de investigação e livre critica se refugiava nos Laboratorios de Claude Bernard e Sainte Clare Deville e nas cadeiras magistraes de Renan e Quinet. Fóra da Universidade creou Pasteur a sua obra genial.

Fico, sem receio de que no espirito de alguém subsista a idéa de que ainda hoje assim são as Universidades francezas.

A terceira Republica regenerou-se. Desde 1871, todos os ministros de instrucção publica e directores do ensino superior — Ferry, Bane Rente, Goblet, Fallieres, Bourgeois, Girard, proseguiram numa mesma linha de politica pedagogica o ideal de reconstrucção universitaria; refizeram os seus edificios,

bibliothecas, laboratorios e museus; ampliaram os seus quadros; restabeleceram a sua personalidade civil; e, por fim, crearam as Universidades modernas, á medida que em cada um destes estabelecimentos se reconstituia de facto a Universidade pelo renascimento da livre investigação scientifica.

Banido da propria França, cujos estadistas, mesmo antes da guerra de 1870, tiveram o sentimento de que a experiencia condemnava o seu regimen imponente e grandioso mas sem alma e sem vida, o regimen napoleonico, sobrevive hoje ainda fóra do seu berço de origem.

As Universidades hespanholas, affirma o illustre professor Giner de los Rios, deformadas em 1845 pelos moldes da França, conservam-se ainda embalsamadas na estrutura napoleonica.

E no nosso paiz?

Não só a Universidade, toda a nossa instrucção superior, tal como foi organizada pelos estadistas do constitucionalismo na subordinação absoluta do Estado, quer sob ponto de vista administrativo, como uma dependencia burocratica do ministro do reino, sem autotomia e liberdade de governo, quer sob ponto de vista pedagogico, como estabelecimentos apenas destinados ao ensino profissional, sem intuitos mais altos de producção original e investigação scientifica é, na realidade, uma *Instituição napoleonica*, vasada nos moldes pedagogicos do primeiro Imperio, ainda que não inspirada no mesma pensamento politico.

Dir-se-ha que a propria existencia da Universidade protesta contra esta affirmacão, pois que o regimen napoleonico implica a dispersão das faculdades academicas.

Essa unidade, a nossa existencia universitaria, é méramente ficticia.

Analysem-se os celebres decretos de Passos Manuel (1836), que reorganizaram a Universidade, crearam as Escolas Medicas de Lisboa e Porto, a Academia e Escola Polytechnica, os Lyceus Nacionaes, e constituem a carta fundamental do nosso ensino medio e superior. Em Coimbra, as faculdades de Theo-

A Universidade constitucional é uma Instituição napoleonica, assim como as outras Escolas superiores. Orientação cezarista do constitucionalismo na organização do ensino.

logia, Direito (resultante da fusão das de Canones e Leis), Mathematica e Philosophia, foram organisadas segundo a concepção napoleonica, como méras escolas profissionaes, sem cohesão e existencia universitaria, apenas destinadas a preparar para o exercicio das profissões scientificas livres ou das carreiras do Estado e d'onde, por uma selecção nem sempre feliz, deviam sahir os dirigentes da Nação.

Até as Faculdades de Philosophia e Mathematica, por indole naturalmente reservadas a altos estudos theoreticos e investigações scientificas, foram organisadas como escolas profissionaes, com quadros semi-scientificos e semi-technicos, cujos diplomas equivaliam a carta de engenheiro civil e abriam além d'isso aos seus possuidores as carreiras do exercito e na armada, e até os cargos da fazenda publica.

As Faculdades, as Escolas e Academias, reduzidas a meras escolas profissionaes. O ensino separado da sciencia.

Quanto ás Escolas e Academias, expressamente organisadas como escolas profissionaes, com quadros semelhantes aos das Faculdades de Medicina, Mathematica e Philosophia, providas em grande parte de pessoal docente universitario, ficaram *ab initio*, verdadeiras faculdades academicas e, como taes, as Escolas Medicas se consideram, recla-

mando o privilegio de concessão de graus.

Apenas este pormenor as diferenciava.

Na realidade, Faculdades coimbrãs e Escolas de Lisboa e Porto foram identicamente vasadas nos moldes napoleonicos, com *curriculum* fixo de estudos, successão predeterminada de cadeiras e o mesmo regimen de frequencia obrigatoria e exames annuaes.

Numas e noutras, o ensino adstricto á instrucção profissiona ficou naturalmente subalternizado á exposiçào annualmente repetida do mesmo corpo de doutrinas, divorciado como nas faculdades napoleonicas da livre investigação e da elaboraçào scientifica. Para que a semelhança com o antigo regimen francez em tudo fosse completa, a Instrucção superior, secundaria e primaria, constituindo um todo unico, foi collocado sob a auctoridade immediata do ministro do reino, assistido por um corpo consultivo — o Conselho superior de Instrucção publica —, primitivamente com séde em Coimbra, a breve trecho deslocado para Lisboa, para funcionar juntamente com a Direcção geral de Instrucção publica, creada em

1859, como a suprema expressão da centralisação burocratica do ensino.

Neste regimen de centralisação o Estado não só assumiu a superintendencia administrativa dos estabelecimentos de ensino mas outorgou-se competencia e infallibilidade pedagogica.

Centralisações administrativas. Infallibilidade pedagogica do Estado.

Assim, por exemplo, em 1836 como a Faculdade de Medicina impossibilitada de executar por completo a reforma, abrisse as aulas segundo o plano da sua escolha, logo o governo lhe significou que não podia alterar a seu talante a ordem dos estudos, ordenando-lhe que organisasse o seu curso em stricta conformidade com o decreto reformador.

Facto analogo succedeu em 1861 com a Faculdade de Mathematica, rejeitando o governo a proposta academica de distribuição de cadeiras para lhe impôr plano seu inexequível na pratica e inconveniente para o ensino. Representou a Faculdade respeitosa ao governo que immediatamente replicou extrahando que a Faculdade a pretexto de representar não cumprisse as ordens de Sua Majestade. Quantas vezes o professorado se não tem encontrado na necessidade de responder como o conselho da Faculdade de Mathematica em 1861:

«As Faculdades devem ás ordem do governo e de sua Majestade não obediencia cega, mas intelligente, respeitosa e discreta, como convem que seja a de homens livres, por interesse do mesmo governo que não tem o dom da infallibilidade».

Além de não reconhecer ás Faculdades auctoridade e competencia para ordenar e dispôr livremente o curso dos seus estudos, o Estado reservou-se o direito de approvar em ultima instancia os livros escolhidos para o ensino. E até que ponto foi levada essa tutela? Quem lêr as *Memorias historicas*, publicadas em comemoração do centenario da Faculdade de Medicina depára com o facto unico na historia moderna das Universidades, de uma Faculdade se dirigir ao parlamento pedindo auctorisação para reformar e substituir os compendios officiaes!

Effectivamente, dentro do compendio se moveu quasi exclusivamente, durante muito tempo a actividade do professorado. Fóra d'elle a sua missão limitava-se a dar conta das

ultimas descobertas ou a discutir os grandes problemas controvertidos, com espirito critico, sagacidade e elevação, mas sem elementos de investigação pessoal que lhe permittissem dirimir as controversias ou sequer esclarecel-as.

Assim foi organizado o ensino superior pelo Estado constitucional. Auctoritario e centralizador como todos os Estados occidentaes collocou a Instrução superior sob a sua tutela administrativa e pedagogica e, attendendo apenas ás necessidades sociaes mais instantes, fez dos estabelecimentos de ensino meras escolas profissionaes, desinteressados da pura investigação scientifica, verdadeiras fabricas de diplomados, donde havia de saír em grande parte o exercito dos funcionarios publicos e os dirigentes politicos da Nação.

E factio singular. Passos Mânuel e Costa Cabral, os dois grandes *leadres* politicos do constitucionalismo, os *representative men* dos dois principios oppostos entre os quaes decorreu pendularmente a vida dos primeiros trinta annos do regimen, assentaram justamente nas mesmas bases o nosso systema de ensino. Levado o primeiro ao governo pela Revolução de setembro e governando em nome da Soberania nacional, o segundo á frente da restauração cartista, sediciosamente proclamada pela guarnição do Porto, viêram a final a reconciliar-se no campo da Instrução publica, collaborando a oito annos de distancia na realisação da mesma obra pedagogica e politica.

Não obstante a centralisação esterificante do Estado, nas várias Faculdades ha penetrado o espirito scientifico. A Faculdade de Medicina tem-se regenerado e communga o moderno credo scientifico, mas por exclusivo esforço dos seus professores.

Caracterisadas as nossas instituições do ensino e definido o espirito pedagogico em que foram concebidas, é necessario fazer justiça áquelles que as têm servido, e a justiça ordena que se diga, que, graças ao esforço, iniciativa e ao espirito de progresso que subsistiu no professorado, o ensino superior tem realisado modernamente progressos decididos, a dentro, claro é, do ambito da instrução professional que lhe foi assignalado.

Tivemos effectivamente maus dias, em que a actividade das Faculdades quasi exclusivamente se reduziu á escolha dos compendios officiaes e a um ensino meramente expositivo e verbalista, a que a elevação oratoria e a agudeza de engenho de celebrados pro-

fessores deu, por vezes, um falso esplendor e uma sonora repercussão, mas na realidade esteril e improductivo.

Mas saímos delle, mercê de Deus, em todas as escolas e em todas as Faculdades e vou exemplifical o com a historia moderna da Faculdade de Medicina.

A historia desta Faculdade é, com effeito, a demonstração completa de como, dentro do nosso viciado systema pedagogico, uma corporação de ensino se pôde regenerar pelo seu proprio esforço, movida pela iniciativa intellectual do professorado, nem sempre auxiliado pelo Estado, ampliando os seus estudos, creando e desenvolvendo os seus laboratorios por fórma a transformar em poucos annos o ensino oral e expositivo em ensino technico e demonstrado.

Nunca as faculdades de sciencias naturaes abandonaram o ensino pratico e ao lêr as suas *Memorias historicas*, logo resalta como nota sympathica a registrar, o cuidado, o zelo amoroso com que sempre se houveram em conservar e desenvolver os estabelecimentos que tinham a seu cargo: a Faculdade de Mathematica — o Observatorio Astronomico; a Faculdade de Philosophia — o Museu de Historia Natural, o Jardim Botânico, o Gabinete de Physica e Laboratorio Chimico; e a de Medicina, os seus hospitaes, Theatro Academico e Dispensatorio Pharmaceutico, unica e valiosa herança que haviam recebido da Reforma Pombalina.

No Theatro Anatomico, onde desde 1782, com maior ou menor regularidade, se faziam demonstrações nos cadaveres dos justicados na Relação do Porto, que uma provisão Pombalina ordenava ahi fossem conduzidos com diligencia, cautela e segurança, o dr. Carlos José Pinheiro, primeiro como demonstrador e mais tarde professor da Faculdade, implantou de vez, em 1822, o ensino pratico da Anatomia, organizando simultaneamente uma extensa collecção de peças de anatomia normal e anatomia pathologica, que serviram de nucleo aos museus actuaes. Honra lhe seja.

O Dispensatorio Pharmaceutico, que, no principio do seculo, a Faculdade recebeu em ruinas, foi tambem zelosa e diligentemente restaurado e posto em condições de activa laboração, quer como órgão de ensino da cadeira de materia medica, quer como auxiliar dos serviços hospitalares. Quanto a estes, foram sempre uma escola activa de ensino clinico, onde a actividade dos professores era naturalmente chamada

ao campo de observação, e muitas vezes se exerceu no sentido de investigação systematica e verificação critica dos grandes methodos therapeuticos.

A verdade, porém, é que até o meado do seculo passado, vivendo a Medicina sob o dominio e influencia das grandes doutrinas systematicas e das especulações philosophicas, o ensino propriamente magistral, as lições oratorias e as controversias apaixonadas distrahiam e entretinham a curiosidade mental de professores e alumnos, offuscando com o seu falso esplendor a actividade d'estes estabelecimentos de ensino onde, aliás, o genuino espirito scientifico se abrigava e obscuramente vivia.

Na realidade, a nova era da Faculdade de Medicina data de 1866, da longa e curiosa viagem scientifica que o emerito professor dr. Antonio Augusto da Costa Simões, o primeiro fundador intellectual da Faculdade Moderna, realisou pelos centros universitarios allemãs, onde, sob a influencia propulsora de Müller e a direcção militante de Dubois-Reymond, Helmoltz, Lagenbek e Virchow, a Medicina, emancipada das velhas especulações philosophicas, se lançava abertamente no campo da investigação scientifica.

Logo após o seu regresso, o joven professor da nova cadeira de Histologia e Physiologia Geral installa o Laboratorio de Histologia com o melhor material da epoca e á allemã, isto é, não só para exercicios praticos e demonstrações do curso, mas tambem para a livre investigação scientifica.

Não menos decisivo para a transformação moderna da Faculdade foi o acto do dr. Augusto Rocha, essa vigorosa individualidade de professor, que em 1882, no anno em que Kock, descobrindo o bacillo da tuberculose, conquistava a immortalidade, fundou em Coimbra um modesto gabinete de Bacteriologia com exiguos recursos e sem domicilio proprio, mas que, na sua simplicidade, representava a inauguração das investigações bacteriologicas na Faculdade e no paiz, e, pelo seu largo desenvolvimento ulterior, nos incorporou na renovação Pasteuriana da Medicina.

Relembre-se ainda a criação autochtona da grande Cirurgia moderna gynecologica e obstetrica, pelos eminentes professores Sousa Refoios e Daniel de Mattos, honra e gloria do nosso professorado, a fundação do Museu e Laboratorio de

Hygiene, do Gabinete de Radiographia, as nossas reconstruções hospitalares, e eis os passos seguros da Faculdade no caminho do progresso scientifico e do incessante aperfeiçoamento do seu ensino profissional.

Cada um d'elles representa a iniciativa d'um professor; nenhum é obra deliberada do Estado, que muitas vezes tolheu a sua realisação.

Que o diga a historia do Laboratorio de Bacteriologia, estabelecido com uma subvenção de 70\$000 réis, distrahida da magra dotação da Faculdade, que em 1890 ainda não tinha installação propria no Museu, não obstante reiteradas solicitações da Faculdade, e só em 1901, dezenove annos depois da sua fundação, foi officialmente reconhecido e dotado no orçamento. E, no entanto, este Laboratorio logo em 1888 fazia uma campanha epidemiologica em Coimbra, intervinha seguidamente na solução scientifica da maior parte dos problemas epidemiologicos levantados no paiz, constituia-se em auxiliar indispensavel das clinicas hospitalares e escola pratica de educação bacteriologica de todas as modernas gerações de medicos que passaram pela Faculdade.

Referi-me á Faculdade de Medicina como exemplo e não para exemplo, que d'elle não necessitam as outras Faculdades academicas nem as adeantadas escolas de Lisboa e Porto.

Umás e outras, conforme a sua indole, em condições diversas mas igualmente servidas pelo esforço e espirito de iniciativa do seu professorado, igualmente desajudadas pelo Estado, têm briosamente progredido.

Em todas o ensino *ex-cathedra* tem deccrescido na razão inversa do desenvolvimento da demonstração e da verificação experimental.

Deixamos de ser o *magister legens*, no sentido historico do termo; as vestes talares passam a ser substituida pelo avental e pela *blouse*. Todó o nosso progresso tem porém sido limitado pela concepção official do ensino que a todos nos domina. Demonstramos a sciencia, verificamos as suas conclusões, ensaiamos os seus inventos, e temos sabido acompanhar passo a passo o moderno movimento scientifico. Mas não creamos; só verificamos e reproduzimos.

O nosso ensino já não é a *echolalia*, mas é ainda a imitação.

O ensino superior tal como está organizado encontra-se impotente para a criação científica.

A verdade é que a Universidade e Escolas Superiores, tal como foram concebidas e organizadas pelo Estado, sem independencia corporativa e para fins meramente profissionaes, não têm podido desempenhar a função mais elevada e nobre do ensino: crear e fazer progredir os conhecimentos humanos e educar as novas gerações no espirito de investigação scientifica.

A Universidade e as Escolas têm preparado e preparam excellentes profissionaes; medicos praticos habilitados a empregar os mais delicados meios semioticos, ou a realisar as mais ousadas intervenções therapeuticas; engenheiros com uma alta cultura mathematica e technica; advogados notaveis, que em breve tempo conquistaram fortuna e gloria nos debates do fóro. Nellas se têm affeiçoado os dirigentes da Nação, os estadistas parlamentares, em que tantas vezes nos revêmos com desvanecido orgulho. Sómente não têm produzido investigadores e homens de sciencia, no verdadeiro sentido da palavra, physicos, chimicos e naturalistas, philologos, historiadores e philosophos, enfim creadores originaes que tenham accrescido o numero das descobertas e invenções humanas.

As manifestações de actividade scientifica, os trabalhos de investigação por que se afere a vida intellectual e social do paiz, encontram-se ordinariamente fóra do ensino superior e são de pensadores independedtes e de auto-didactas.

Alexandre Hereulano, o historiador das origens e da formação da Nacionalidade, e das nossas Instituições civis, era auto-didacta e não teria talvez realisado a sua obra se, accedendo ás instancias de D. Pedro V, tivesse trocado a regencia conscienciosa de uma cadeira pelas solitarias meditações de Valle de Lobos.

Auto-didacta foi Oliveira Martins, o prodigioso evocador de sociedades, que resuscitou algumas das nossas melhores épochas historicas, e Anthero de Quental, o mais poderoso cerebro de philosopho que porventura temos produzido, exerceu a sua influencia mental fóra do ensino.

A obra historica do sr. Gama Barros, a do sr. Adolpho Coelho no campo das investigações philologicas são extradocentes, e identicamente quasi toda a obra monumental do

sr. Theophilo Braga — a historia scientifica da evolução da nossa litteratura nas suas relações com a vida social e politica do paiz.

No dominio das sciencias physico-chimicas, e historico-naturaes; no campo da Anthropologia, da Physiologia experimental e da Microbiologia, acclimada no nosso paiz pelos professores Costa Simões, Augusto Rocha e Camara Pestana, têm-se feito trabalhos de merito, investigações promettedoras, mas ainda não se conseguiu realisar uma descoberta original.

Poderemos continuar assim, inhabilitados de collaborar na criação scientifica, na invenção e na descoberta, subalternizados á função de expôr e transmittir a sciencia constituida ou as novas verdades que cada dia, em volta de nós, o espirito scientifico conquista para o pensamento humano?

Não. Urge que nos elevemos de altas escolas profissionais ao verdadeiro ensino superior, regenerando em Portugal as Universidades modernas, baseadas na independencia corporativa e na liberdade de ensino, na qual a missão de investigar se allie á função de instruir e a sciencia concilie com o ensino:

a) Dando á Universidade liberdade e independencia do Estado;

b) A professores e alumnos, liberdade de ensino ou de aprender dentro da Universidade;

c) Tornando possível o uso proveitoso d'essa liberdade pela instituição ou desenvolvimento de Bibliothecas, Seminarios, Institutos e Clinicas, liberal e generosamente dotadas.

O reconhecimento da autonomia e independencia da Universidade como corporação scientifica, dentro das normas geraes que definam as suas relações com o poder politico como instituição do Estado, deve ser a nossa primeira aspiração. Autonomia universi-
taria.

A reforma ultimamente realisada do Conselho Superior de Instrucção publica e de Instrucção superior, concedendo personalidade moral ás Faculdades e maior latitude na direcção da sua actividade docente, inspira-se n'este salutar principio e a liberdade restricta que nos concede deve ser empregada em reclamar e conseguir o reconhecimento de novos direitos e a realisação de mais largas aspirações. O

primeiro e fundamental direito de todas as Universidades inglezas e allemãs, que evolucionaram dentro das suas fórmulas originaes, ou mesmo as francezas, que d'ellas se desviaram para n'ellas se reconstituirem, é o de eleger as proprias auctoridades academicas. Não faz sentido e só como situação de transição pôde ser comprehendida a que foi creada pelo ultimo decreto, pois que, se, por um lado, nos concede a autonomia, por outro a inutilisa, mantendo a nomeação régia da primeira auctoridade académica.

Nas Universidades allemãs, que só conservaram uma parte das suas funções corporativas, o Reitor — *Rector Magnificus* — é annualmente eleito pelo *Claustro Pleno* dos professores ordinarios e extraordinarios, e só nominalmente recebe a sanção do chefe do Estado.

Do mesmo modo, em cada faculdade, os professores elegem annual ou semestralmente o seu decano e director; as auctoridades que constituem o Senado, além do Reitor e decanos, seus membros natos, são egualmente electivas.

Nada mais necessitamos a este respeito do que regressar ás nossas tradições universitarias.

Elejamos o nosso Reitor. «O Reitor eleito é o symbolo visível da independencia corporativa da Universidade».

Liberdade de ensino.

Depois destrua-se o quadro rígido que prende e separa methodicamente as nossas cadeiras magistraes, a successão predeterminada que encadeia os nossos cursos; emancipemo-nos da forçada repetição annual das nossas exposições oraes ou demonstraões de Laboratorio e, ainda que um pouco anarchicamente, fundemos toda a nossa actividade docente na *plena liberdade do ensino*.

Foi nessa base, liberdade e independencia de ensinar e de aprender, que Humboldt fundou, na Prussia vencida, a Universidade de Berlim, um anno sôbre a data não menos memoravel, em que Napoleão edificou, na França vencedora, a Universidade imperial. Mudemos de companhia. A liberdade é a primeira condição fundamental para que o professor possa ser uma auctoridade scientifica e uma capacidade docente, e a Universidade simultaneamente um estabelecimento de ensino e um centro de alta cultura.

Sob a apparencia de paradoxo, é uma profunda verdade o

dizer-se que, tal como está organizado o ensino, a primeira condição para ser homem de sciencia é não ser professor.

Cingido á tarefa de expôr systematicamente, todos os annos, aos cursos que se succedem, segundo um programma invariavel, o corpo de doutrinas de uma sciencia determinada, ao professor não sobra tempo nem actividade para se consagrar á livre investigação, collaborando d'uma maneira efficaç na elaboração das novas verdades scientificas.

Em cada faculdade, cada um ensine livremente dentro do campo livremente escolhido em que se exerça a sua actividade scientifica, chamando os alumnos a collaborar na sua obra, inculcando-lhes no espirito o mesmo desejo de investigar e descobrir.

E nessa orientação chegaremos á especialisação, que é hoje a base indispensavel para a producção scientifica e progresso da sciencia. Á medida que se fôr contrahindo o campo de estudo de cada um, irá augmentando o numero de trabalhadores. Criar-se-hão cadeiras para aquelles homens de merito que se tenham revelado capazes de enriquecer o corpo dos conhecimentos humanos ou que, dotados d'um espirito verdadeiramente original, souberem observar os factos sob um ponto de vista novo e conduzir-se por caminhos inéditos á conquista de novas verdades. Criar-se-ha a cadeira para o professor ou o professor para a cadeira, em vez de cada um ser investido na primeira que o acaso lhe destina.

Porque não conceder aos novos doutores que ambicionem o professorado o *jus docendi*, que os Estatutos Pombalinos lhe conferem? Seria a maneira de a Universidade a conseguir, sem encargos, numerosos auxiliares, creados no mesmo espirito de productividade scientifica, e multiplicar os seus cursos publicos e privados, satisfazendo largamente as variadas necessidades do ensino.

Nas Universidades allemãs, especialmente nas faculdades de Medicina e Philosophia, o numero de *privat-docentes* é igual e por vezes excede o quadro dos professores ordinarios e extraordinarios, isto em virtude da crescente especialisação dos differentes ramos scientificos.

Não será possivel instituir entre nós o *privat-docentismo* que, aliás, existe até nas mais pequenas Universidades allemãs e do qual o antigo regimen universitario da *longa opposição* se approxima? Chamem-se ao ensino os directores de

Laboratorio, os assistentes chefes de clinica, que se reconhecem com vocação e capacidade docente. É necessario aproveitar todas as vocações, estimular todas as actividades.

Liberdade de aprender.

Da liberdade de ensinar é corollario a *liberdade de aprender*. O regimen de frequencia livre deve ser considerado uma aspiração pedagogica a realizar em correlação com os outros principios em que assenta a Universidade moderna. Esta aspiração é naturalmente a que se torna mais sensivel ao espirito dos estudantes, nos paizes, e poucos são, que vivem como o nosso no regimen pedagogico francez; não serei eu que a interprete malevolamente como desejo da *liberdade de não estudar e nada fazer*.

Nas Universidades allemãs, o curso de estudos é baseado inteiramente na liberdade de frequencia — *Lernfreiheit* — que constitue uma das características mais essenciaes da sua organização. Depois de matriculado, o estudante allemão apenas é obrigado a inscrever-se, dentro de certo praso, num curso publico ou privado, num seminario ou num laboratorio de investigação. É livre na escolha dos cursos e frequenta-os livremente. Algumas vezes, guia-se ou determina-se na sua escolha pelas indicações de estudantes mais antigos ou d'algum professor. Outras, abandona-se inteiramente á sua inspiração e vae para onde o leva a curiosidade scientifica. O regulamento do exame final, com provas em determinadas materias, contribue para imprimir uma direcção geral á sequencia dos cursos e exercicios.

Este regimen tem certamente inconvenientes. Alumnos ha que, attrahidos pelo renome dum professor, pela originalidade do seu curso, dão uma feição unilateral á sua educação ou se prejudicam por uma especialização precoce. Ha os versateis e inconstantes, e um grande numero reconhece no fim do curso que poderia ter ordenado duma maneira mais efficaz os seus estudos, alcançando com menor esforço um maior rendimento pedagogico. Mas a Universidade allemã pensa que *é impraticavel a liberdade sem a impossibilidade de abusar d'ella*.

Nas Universidades austriacas e na Baviera, outr'ora dominados pela influencia jesuitica, experimentou-se em tempos remotos, o systema de estudos obrigatorios, e os resultados obtidos foram contraproducentes.

Na Universidade moderna é desconhecido o sistema, cada vez mais complexo, de exames annuaes e por cadeiras, oraes e escriptos, praticos e theoreticos que caracterizam o nosso ensino. Exames ou ensino!

Na Allemanha ha apenas um exame final de doutoramento, — unico grau que as Universidades conferem, depois de um periodo de estudos de seis semestres — o *triennium academicum*—. Certo é que o grau de doutor tem apenas valia scientifica e aquelles que pretendem exercer uma profissão são sujeitos a novo exame, — o exame do Estado—, pelo qual se faz a selecção, á entrada de todas as carreiras.

Entre nós, não. Os exames são outros tantos marcos equidistantes no itinerario que conduz ao diploma final e representam a fiscalisação annual pela qual um systema pedagogico, que se impõe pela auctoridade e se baseia na desconfiança, verifica o aproveitamento do alumno. Quando este systema é levado ao exagero, observa o celebre historiador inglez Freeman, a Universidade transforma-se numa corporação cujos membros se occupam respectivamente, não em estudar, mas em examinar e ser examinados. O exame é a grande preocupação do professor e do alumno, e os cursos são considerados como intervallos estrictamente necessarios á preparação para elle.

O exame, diz ainda Freeman, é bom, quando *occasional, simples e espontaneo*; pessimo quando regulamentado, mechanico e solemne, isto é, justamente quando se chama exame.

O systema de exames pouco vale em si, e só serve para prejudicar o professor, o alumno e a instrucção.

Entre nós, como está organizado, é um empecilho e obstaculo ao accesso da livre actividade scientifica nos nossos estabelecimentos de ensino e, como o notavel pedagogo Giner de los Rios, a proposito das Universidades hespanholas, poderei dizer: *ou exames ou ensino*.

A Universidade de Coimbra teve sempre um alto significado na vida intima da Nação. A Universidade Medieval.

O acto da fundação, por carta real de D. Dinís, de um *Studium generale* em Lisboa (1288), mantido com as rendas ecclesiasticas generosamente doadas pelos grandes

abbades e priores do Reino, que por duas vezes se reuniram em Monte-mór para esse fim, com as tres Faculdades medievaes — Leis, Medicina, Artes, e a sua *Universidade* ou gremio corporativo de estudantes, mestres e doutores — pôde considerar-se como o ultimo acto necessario á formação da nossa nacionalidade e á suprema e definitiva consagração da sua independencia.

«Nada ha mais real on pontificio que a fundação de uma Universidade», disse Luthero, e D. Dinís exerceu essa suprema prerogativa da soberania, sem esperar auctorização da Curia, que só dois annos depois, pela Bula de Nicolau IV, confirmou o novo *Studium* de Lisboa e a applicação das rendas que lhe haviam sido doadas, concedendo-lhe o *jus ubique regendi* e o fóro ecclesiastico.

O *Studium* de Lisboa, que segue na peninsula a fundação dos *studia* de Palencia (1212?), Salamanca (1215?), Sevilha (1254) e Valladolid (1260), todos erigidos por carta regia, foi organizado, como a maior parte das Universidades medievaes, com a faculdade menor das Artes e as faculdades maiores de Leis e Medicina, sem a de Theologia, cujo ensino pertencia privilegiadamente, por concessão pontificia, á Universidade de Paris a *Alma Mater Studiorum*.

Cada faculdade tinha um pequeno numero de professores que liam successivamente ás seis horas da manhã — *hora prima*, ás nove — *hora tertia*, ás tres — *hora nona*, concluindo ás cinco — *vespera*.

O ensino baseava-se inteiramente na auctoridade infalivel da Igreja e dos philosophos, especialmente de Aristoteles, que exerceu uma verdadeira dictadura intellectual em toda a Idade-Media, e os professores liam e comentavam os textos, concebendo a sciencia como um circulo finito de conhecimentos totalmente explorado pelos antigos.

Aos sabbados, discutiam entre si e em presença dos discipulos (*disputationes*), esgrimindo a dialectica subtil e engenhosa que caracterizou o escolasticismo, com aquella paixão de controversia que era o unico refugio deixado á liberdade de espirito.

A Faculdade *subtillissima*, das Artes, comprehendia a Grammatica, Logica e Philosophia, distribuidas conforme a pedagogia escolastica no *trivium* e *quadrivium*.

Aprendiam pelas *Sumulas Aristotelicas* do grande esco-

lastico portuguez Pedro Hispano, mais tarde Papa João xx, obra que até ao seculo xvi foi adoptada em quasi todas as Universidades européas.

Os licenciados em Artes podiam passar á Faculdade de Medicina — *saluberrima* — cujos estudos, por muito tempo, se reduziram á leitura de Hippocrates, Galeno e dos seus comentadores arabes, e viveram em Coimbra na dependencia de Salamanca e Montpellier, donde devia sair com Chauliac, no seculo xiv, a renovação de cirurgia.

A Faculdade mais importante era a *consultissima* Faculdade de Leis, cujos doutores e jurisconsultos desempenharam um importante papel nos conflictos do poder real com a Igreja e definição dos novos direitos regios. Em Coimbra, ensinava-se não só o direito canonico emanado dos Papas e Concilios, mas tambem o direito romano de Justiniano, sob o influxo Juridico de Bolonha, e com a protecção dos Reis que encontraram nos civilistas os melhores conselheiros e defensores da sua auctoridade, perante o poder Papal.

Assim na Faculdade de Leis se ia elaborando o espirito juridico que havia de conduzir á secularisação do Estado.

No seculo xvi, a Universidade Joanina, onde vieram professar com Pedro Nunes e Garcia da Horta, afamados doutores de Salamanca, Bolonha e Paris, em sustentada convivencia intelectual com os centros de cultura da Europa renascida, integrou-nos definitivamente no movimento intellectual do *humanismo*, ao mesmo tempo que, pelo brilho do seu ensino que a Coimbra attrahia numeroso concurso de estudiosos e descendentes da nobreza, pela primeira vez interessada na cultura intelectual, a difundiu largamente no paiz, cooperando na elaboraçaõ da nossa Renascença litteraria e artistica.

Põde dizer-se que todos os homens de letras e sabios portuguezes educados nas Universidades estrangeiras, que foram o berço da Renascença — Pedro Margalo, Alvaro Paes, Garcia da Horta, Sá de Miranda — influiram no renascimento humanista da Universidade, especialmente André de Rezende e Damião de Goes, que frequentaram Louvaina e ahi se educa-

A Universidade no seculo xvi e a Renascença. Diogo de Gouvea, o fundador intellectual da Universidade Joanina.

ram na preciosa convivencia e amizade de Erasmo — o grande Erasmo, que foi rogado por D. João III a vir reger uma cadeira nos novos estudos de Coimbra.

Porém o verdadeiro fundador intellectual da Universidade Joanina foi o insigno pedagogo Diogo de Gouvêa, que fez os seus estudos em Paris, sob a protecção de D. Manuel e se doutorou e professou na Sorbona, alcançando celebridade como principal do velho collegio universitario de Santa Barbara, que governou auxiliado por seus sobrinhos André, Antonio, Diogo e Marcial, uma verdadeira dinastia de humanistas.

Foi por intermedio do Provincial Gouvêa, estimado pelos homens mais celebres da Renascença, muitos dos quaes lhe prestaram homenagens de consideração, que foram convidados nas mais adeantadas Universidades europeas os professores que D. João III mandou vir para reger os novos estudos, ao mesmo tempo que no seu collegio de Santa Barbara, onde elle havia introduzido abertamente o humanismo em opposição ao collegio rival de Montaigu, se educavam e instruiam «em todos os generos das novas disciplinas», os melhores estudantes portuguezes, subsidiados pelo Rei, para depois regressarem a Portugal e por sua vez educarem a juventude.

Sob o principalado de Gouvêa, o collegio de Santa Barbara, com os seus cincoenta *bolseiros* de El-Rei, foi como que uma colonia universitaria, um Seminario pedagogico do professorado portuguez.

Da legião *barbista* vieram os professores para a Faculdade das Artes ensinar a alta latinidade, o grego, os poetas e oradores latinos, que pela primeira vez eram estudados em Portugal, e o sobrinho e successor do velho Gouvêa, André de Gouvêa, organizou em Coimbra o *Collegio Real*, pelo modelo do *Collège de France*, fundado pelo celebre Budens, que, com Erasmo e Vives, formou o triangulo espirital da Renascença.

Os novos «Estudos de Coimbra» do seculo XVI, foram na verdade uma Universidade Real, assente no principio da soberania do Rei, sob o ponto de vista ecclesiastico e civil.

O seu ensino foi classico e humanista e o estudo do latim, do grego e hebreu, o gosto e curiosidade pela leitura das obras classicas nos seus originaes, mataram a velha instrucção escolastica. As imitações poeticas e oratorias da antiguidade, os

poemas e orações compostos em latim e enfaticamente declamados nos actos sollemnes, substituíram as velhas controversias dialecticas.

Até o antigo estudante de trajes clericas e de condição humilde que vinha a Coimbra conquistar os graus para seguir um officio ecclesiastico ou civil, cedeu o logar ao estudante nobre, cavalleiro, instruindo-se desinteressadamente ou por exigencia de condição social, conservando na Universidade os habitos de côrte e estadeando vida folgada e aventureira.

A Universidade Pombalina ou reformada (1772) é o producto e a expressão mais typica da nossa concepção politica do Estado no seculo XVIII: — a soberania real exercendo-se por delegação num ministro irresponsavel, como uma providencia governativa e tutelar, abrangendo todos os ramos da vida publica. O despotismo ao serviço dos interesses geraes da Nação.

A Universidade Pombalina reflecte, na sua organização e concepção politica do Estado no seculo XVIII. Rebelro Sanches, seu fundador intellectual.

Expulsos os jesuitas, que se haviam apoderado em Coimbra do Collegio universitario das Artes e Humanidades, o Marquês de Pombal, que por este mesmo acto reivindicava para o Estado o direito de governar e dirigir o ensino, apresava-se a reorganisal-o desde as Escolas menores até á Universidade, sob o principio da secularização.

Primeiramente cria a Direcção geral dos Estudos, como orgão central da nova instrucção secular. Mais tarde, passando a Direcção dos Estudos para a *Mesa Censoria* é lançado um imposto — *subsídio litterario* — para prover ás despêsas da Instrucção como função do Estado.

Finalmente, em 1772, findos os trabalhos da *Junta de Providencia Litteraria*, que em longas sessões havia forjado o celebre *Compendio historico do estado da Universidade* e elaborado em segredo os novos *Estatutos*, é o proprio Marquês que vem a Coimbra como logar-tenente do Rei e visitador da Universidade, outorgar e fazer jurar solememente os *Estatutos* novos, deixando entregue ao grande Reitor Reformador D. Francisco de Lemos, a execução rigorosa do seu plano pedagogico.

Em toda a organização da nova Universidade se manifesta

a concepção do Estado providente e tutelar. Nos *Estatutos*, tddo se encontra disposto, previsto e regulamentado; a composição das Faculdades, a successão e disciplina dos cursos, o methodo a que deve obedecer o ensino, assim como o formulario das cerimoniaes e actos solemnes. É o Marquês de Pombal, que, por seu próprio punho, marca na *Carta topographica* da Universidade e dos collegios o assento dos novos estabelecimentos — gabinetes, laboratorios, hospitaes, e a traça em que hão-de ser levantados. Acode a todas as necessidades, supre todas as faltas com incessantes Provisões e Ordens Reaes, em tudo interferindo, tudo regulando, até aos mais insignificantes pormenores.

Os estudos universitarios soffrem completa transformação.

Na Faculdade de Mathematica são creadas novas cadeiras a par da sciencia contemporanea, onde professaram Monteiro da Rocha e Anastacio Cunha e foi além disso creado o Observatorio Astronomico.

O ensino da Medicina foi organizado tendo por base as sciencias positivas e orientado num sentido pratico, começando desde logo a fazer-se demonstraões no Theatro Anatomico, e a funcionar os hospitaes da Faculdade, installados no velho Collegio dos Jesuitas.

O que caracteriza, porém, sob o ponto de vista pedagogico a Universidade reformada, é a nova Faculdade de Philosophia natural, a Faculdade Pombalina, onde foram largamente introduzidas as sciencias de observação — physica experimental, chimica, sciencias naturaes, installando-se provisoriamente em espaçosos locaes, um gabinete de machinas, o gabinete dos tres reinos, o laboratorio chimico e mais tarde o horto botanico, onde ensinaram Vandelli e Felix Avelar Brotero.

A contextura estatual da nossa Universidade é obra do Marquês, mas este espirito pedagogico que animou a Universidade reformada, foi Ribeiro Sanches, o insigne medico e pedagogo portuguez, que lh'o incutiu do seu exilio de Paris.

Nas celebres *Cartas sobre a educação civil e politica da juventude*, de Ribeiro Sanches, dirigidas ao Principal Mendonça, se inspirou o Marquês para a criação do *Collegio dos Nobres*, onde pela primeira vez foi introduzido em Portugal o ensino scientifico moderno.

Porventura essas cartas representam uma primeira e lon-

ginqua suggestão pedagogica da reforma de 1772, e certo é que a organização dos novos estudos, em grande parte do que diz respeito á Faculdade de Philosophia e completamente quanto á de Medicina, assenta no *Methodo para estudar a Medicina e apontamentos para a fundação de uma Universidade Real*, que Ribeiro Sanches elaborou em Paris, a pedido do Marquês, e enviou para Lisboa por intermedio do embaixador D. Luiz da Cunha.

Ribeiro Sanches, christão novo, passou uma enfermiza mocidade em casa dos seus, em Penamacôr, minado pelas quartãs de Riba-Douro, educando o seu espirito livremente na leitura de classicos e philosophos.

Impellido por decidida vocação, veio mais tarde estudar medicina a Coimbra, graduando-se em Salamanca e, depois de a ter exercido alguns annos numa comarca ribatejana, começou de viajar e percorrer os principaes centros medicos da Europa, como que impulsionado por um atavico instincto de deambulação. Visitou os collegios de Londres, esteve nas Faculdades de Montpellier, Tolosa e Paris, estudou tres annos em Leyde, onde foi o primeiro discipulo de Boerhave e condiscipulo de Van Swieten, e passou longos annos na Russia, como medico da Camara Imperial, director do Hospital do Collegio dos Nobres Militares, fazendo ainda, como cirurgião dos exercitos imperiaes, uma ardua campanha na Polonia.

Independente por natureza e naturalmente propenso á observação, tendo desenvolvido as suas faculdades de investigação e critica numa extensa e quasi sempre livre carreira profissional, Ribeiro Sanches, que além disso, privou com os melhores espiritos da sua epoca — Boerhave, Euler, d'Alembert — e viveu por muito tempo no ambiente do encyclopedismo, é um espirito emancipado pela independencia mental e livre critica e muito acima da sociedade portugueza do seu tempo.

Por isso mesmo era mal visto na côrte e em Portugal, e o Marquês de Pombal que o sabia, mas não queria desaproveitar os seus conselhos e indicações, apresentou maliciosamente com o pseudonimo de João Sachetti, as memorias e relatorios que Ribeiro Sanches enviára de Paris para a elaboração dos novos *Estatutos*.

A Universidade Pombalina foi subvertida pela reacção ul-

tramontana, como a Universidade Joanina o tinha sido pela contra-reforma catholica. Uma e outra foram organizadas pelos seus fundadores intellectuaes, o principal Diogo de Gouvêa e o insigne medico e pedagogo Ribeiro Sanches, como poderosos instrumentos de progresso social, capazes de propulsionarem a sociedade portugüesa no caminho da civilização, levando-a a par das nações mais cultas.

A Universidade do constitucionalismo não teve um fundador intellectual e, por isso mesmo, não tem podido desempenhar uma missão superior na vida da Nação. Faz-se mister que, por um acto de viril energia, despedace a estrutura napoleonica, que lhe não pertence por tradição nem por indole, e, inspirando-se no exemplo das Universidades allemãs, se regenere como Universidade moderna, assente na dupla base — autonomia corporativa e livre investigação scientifica, — por fórma a desempenhar a sua triplice função: — preparar o professional para a carreira, o cidadão para o Estado e o homem para a Sciencia.

